

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11
Número 1
Junho 2022

AS CONVICÇÕES TEOLÓGICAS DE PAULO PARA O PLANTIO DE IGREJAS

PAUL'S THEOLOGICAL CONVICTIONS FOR CHURCH PLANTING

Me. João Eder Graebin¹

RESUMO

Paulo via a si mesmo como um plantador de igrejas (1Co 3.6). Debaixo desse encargo, e, impulsionado por suas convicções teológicas, teve o ministério mais profícuo de estabelecimento de comunidades cristãs no primeiro século da Igreja de Cristo. Partindo do pressuposto de que Romanos contenha a suma da sua teologia e prática missionária, esse artigo pretende responder a seguinte pergunta: “Quais eram as convicções teológicas centrais que motivavam o ministério paulino de plantio de igrejas?”

Palavras-chave: Plantio de igrejas. Apóstolo Paulo. Teologia. Missiologia.

ABSTRACT

Paul through him as a church planter (1 Cor 3.6). Under this charge, and, driven by his theological convictions, he had the most fruitful ministry of establishing Christian communities in the first century of the Church of Christ. Assuming that Romans contains the sum of his theology and missionary practice, this article aims to answer the following question: “What were the central theological convictions that motivated the Pauline ministry of churches?”

Keywords: Church planting. Apostle Paul. Theology. Missiology.

¹ Mestrado em Teologia com ênfase em Missiologia pela North-West University (África do Sul), Pós-Graduação em Ministérios Urbanos pelo Seminário Presbiteriano de Brasília/DF, Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia de São Bento de Sul/SC, Superior em Tecnologia de Recursos Humanos pela UNOPAR. É pastor desde 2001 e atualmente está num projeto de plantio de igreja pela Igreja Presbiteriana do Brasil na cidade de Formosa/GO. O conteúdo desse artigo está baseado num dos capítulos da sua dissertação de mestrado que tem por título: “O plantio da Igreja Batista do Montijo: um estudo dedutivo a partir da prática e estratégia paulina”. E-mail: geruzacjoao@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O plantio de igrejas é um tema central na missão da Igreja de Cristo. Plantar igrejas é uma tarefa da missão, um método da missão e uma consequência da missão. Assim foi na vida de Paulo, o maior plantador de igrejas descrito no Novo Testamento. Ele exerceu seu ministério entre os anos 35 a 67/68 d.C. Desse período, Atos narra as três viagens missionárias de Paulo, a partir do envio da igreja de Antioquia (At 13.1-21.16). Num período que cobre aproximadamente dez anos (46/48 a 57 d.C.) plantou igrejas em quatro províncias do Império Romano: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. O livro de Atos termina descrevendo Paulo preso em Roma, a capital do Império, anunciando ali o evangelho de Cristo (At 28.30,31). Era por volta do ano de 59-61/62 d.C. Depois disso, embora não haja um consenso entre os eruditos, supõe-se – com base em Romanos 15.24 e Tito 1.5 – que Paulo foi solto e ainda teve, pelo menos, duas áreas de atuação ministerial: Espanha e Creta.²

Qualquer leitor observa que o ministério de Paulo foi exercido muitas vezes debaixo de grande oposição e sofrimento. O Cristianismo, sendo “algo novo”, e uma religião não permitida no Império Romano, sofria grande repulsa. Embora nem sempre Paulo pregava em redutos exclusivamente judaicos, quase todos os judeus rejeitavam a pregação e a pessoa de Paulo, considerando seu ensino como blasfemo. Isso sem falar na realidade da oposição demoníaca enfrentada por todos aqueles que levam a luz do evangelho num contexto de trevas espirituais.

Talvez o mais impressionante é que, apesar de todo o sofrimento que viveu (veja 1Co 11.23-33), Paulo persistiu no seu ministério, até o dia da sua decapitação, numa prisão em Roma, por volta de 67/68 d.C. Antes, porém, testemunhou aos presbíteros de Éfeso: “Agora, compelido pelo Espírito, estou indo para Jerusalém, sem saber o que me acontecerá ali, senão que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que prisões e sofrimentos me esperam. Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus” (At 20.22-24).

Diante desse quadro, faz-se necessário perguntar: “O que motivava Paulo a exercer o seu ministério?” Lopes responde essa pergunta nos seguintes termos:

O que motivava o apóstolo Paulo a sair plantando igrejas, organizando comunidades ao longo da bacia do Mediterrâneo, apesar da rejeição dos seus patrícios e das implacáveis perseguições que sofria? O que o movia não eram arroubos de piedade, espírito proselitista, amor ao lucro, popularidade ou qualquer outra motivação similar. Essas motivações não teriam suportado as angústias do campo missionário por muito tempo. Paulo estava motivado por suas *convicções teológicas*.³

Nesse artigo irá se elencar as convicções teológicas centrais que motivaram o ministério de Paulo. Especificamente, a pergunta que se pretende responder é: “Quais eram as convicções teológicas centrais que motivavam o ministério paulino de plantio de igrejas?”⁴

1. EPÍSTOLA AOS ROMANOS: A SÍNTESE DA TEOLOGIA MISSIONÁRIA DE PAULO

Sistematizar todas as convicções teológicas de Paulo possivelmente seria tarefa para uma vida inteira. Contudo, há pontos centrais da sua teologia que o levaram a exercer o seu ministério de plantio de igrejas. Esses pontos são expostos, sobretudo, na sua carta aos Romanos. Uma das razões que fez

² Allen resume o ministério paulino de plantio de igrejas da seguinte maneira: “In little more than ten years St. Paul established the Church in four provinces of the Empire, Galatia, Macedonia, Achaia and Asia. Before 47 A.D. there were no Churches in these provinces; in 57 A.D. St. Paul could speak as if his work there was done, and could plan extensive tours into the far West without anxiety lest the Churches which he had founded might perish in his absence for want of his guidance and support” (ALLEN, Roland. **Missionary methods: St. Paul's or ours?** Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1962, p. 3).

³ LOPES, Augustus Nicodemus. Paulo, Plantador de Igrejas: repensando os fundamentos bíblicos da obra missionária. **Fides Reformata**, XV, número 2:1-15, 1997, p. 2.

⁴ Ao longo do artigo será usado o texto da Nova Versão Internacional nas citados bíblicas.

com que Paulo escrevesse essa carta era apresentar sua teologia ao grupo de crentes romanos, com a finalidade de estabelecer com essa igreja uma parceria financeira para a sua empreitada missionária à Espanha (Rm 15.24). Nas palavras de Carson *et al*, “o teor teológico geral da carta deve-se ao desejo de Paulo de comprovar que ele é ortodoxo e merecedor de apoio [para sua ida à Espanha]”.⁵

Dentre as convicções teológicas centrais que levavam Paulo a exercer o seu ministério de plantação de igrejas, em Romanos destacam-se cinco:

1.1 “NÃO HÁ NENHUM JUSTO, NENHUM SEQUER”

A primeira convicção teológica de Paulo era a condição pecaminosa e de alienação de Deus comuns a todas as pessoas. Em Romanos 3.10-18, Paulo usa várias citações do Antigo Testamento para resumir a condição humana: “Não há nenhum justo, nenhum sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, nenhum sequer (...)”.

Constable comenta:

Nos versículos 10-12, a declaração da universalidade do pecado abre e fecha a passagem. O pecado afetou o intelecto, as emoções e a vontade humana: todos os aspectos da personalidade humana. Observe a repetição de “nenhum”, bem como “todos” e “nem mesmo um”, todos termos universais. Nos versículos 13-18, Paulo descreveu as palavras (vv. 13-14), atos (vv. 15-17) e atitudes (v. 18) do homem como maculado pelo pecado. Esta passagem é uma das mais fortes nas Escrituras que trata da depravação total do homem.⁶

A depravação total atinge todas as classes de pessoas: pagãos, idólatras e imorais (Rm 1.18-32), moralistas (Rm 2.1-16), judeus (Rm 2.17-3.8). É uma condição herdada de Adão (Rm 5.12) e evidenciada pela Lei (Rm 7.7ss). O homem está escravizado a essa situação (Rm 7.1ss.) e, uma vez que ele está “morto nos seus delitos e pecados” (Ef 2.10), não há nada que possa fazer para – por si mesmo – para sair dela.

Em resumo, para Paulo, o fato de o homem ter suprimido a verdade pela injustiça, o colocou debaixo da ira de Deus (Rm 1.18ss.), entregue à impureza sexual (Rm 1.24), a paixões vergonhosas (Rm 1.26), a uma disposição mental reprovável (Rm 1.28). O homem está numa situação de escravidão diabólica (Cl 1.13). É um réu, injusto e calado diante do juízo de Deus (Rm 3.19). Um réu culpado que deveria ser punido “sofrendo a pena da destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder” (2 Ts 1.9).

Portanto, no primeiro bloco de temático de Romanos (1.1-3.21) Paulo destaca a necessidade da justiça de Deus. Por que faz isso? Segundo Murray porque “o evangelho como poder para a salvação se torna sem significado à parte do pecado, condenação, miséria e morte. Essa é a razão por que Paulo se propõe a demonstrar que todo o mundo é culpado diante de Deus e está sob a sua ira e julgamento”.⁷

Resumindo, a primeira motivação teológica para Paulo ser um plantador de igrejas era a convicção de que todo o ser humano era carente da glória de Deus (Rm 3.23) e, como tal, não adorava a Deus como ele deveria ser adorado (Rm 1.18-32).

1.2 “O EVANGELHO É O PODER DE DEUS PARA A SALVAÇÃO DE TODO AQUELE QUE CRÊ”

Num primeiro momento, em Romanos, Paulo destaca a necessidade da justiça de Deus pelo fato de todo homem ser pecador. Entretanto, num segundo instante, Paulo afirma que todos podem ter

⁵ CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 280.

⁶ CONSTABLE. Disponível em: <https://lumina.bible.org/bible/Romans+3>. Acesso em 25 set. 2017.

⁷ Citado por SILVA, Norval Oliveira da. **Teologia e missão: perspectiva paulina da missão urbana em Romanos**. São Paulo: Morávios, 2000, p. 14.

acesso à justiça de Deus por meio do evangelho. Em Romanos 1.16 ele afirma: “Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que nele crê: primeiro do judeu, depois do grego”.

Duas palavras são centrais nesse versículo: “evangelho” e “poder”. Compreendê-las na sua etimologia é fundamental para a interpretação daquilo que Paulo está frisando. A palavra “evangelho” (*euangelion*), significa “boas novas”, “boas notícias”, “evangelho”. No Novo Testamento, ocorre frequentemente em Paulo (60 vezes). No Grego Clássico o termo era usado para designar a boa notícia da vitória em uma guerra, ou quaisquer outras notícias políticas e pessoais que causavam alegria, como, por exemplo, o nascimento do filho do Imperador. No Antigo Testamento *euangelion* é usado para falar da recompensa por trazer “boas novas” (por exemplo, 2 Sm 4.10). É também a mensagem de que Javé é o grande Rei Universal e domina para todo o sempre (Sl 40.9).⁸

Mas em que sentido Paulo entende o evangelho como uma boa notícia, da qual não deve se envergonhar? No sentido de que o evangelho é o poder (*dunamis*) de Deus para a salvação. *Dunamis* tem um significado amplo. Dentre eles estão: “potência”, “força”, “fortaleza”, “habilidade”, “capacidade”, “ato de poder”, “recursos”, “milagre”. No Novo Testamento ocorre 118 vezes, com relativa frequência nos escritos paulinos. No Grego Clássico, essa palavra geralmente se encontra de Homero em diante. Significa essencialmente “capacidade de realizar”, “força física”, “tropas”, “força de combate”, “poder político”. Quando a filosofia e a medicina grega refletiam sobre a natureza do homem, o seu conceito aparecia no seu sentido original de “força” ou “capacidade para viver e agir”. Mas também *dunamis* poderia se referir ao “poder do calor e do frio” ou o “poder curativo das plantas e dos elementos”.⁹

O *euangelion* (a boa notícia), definido por Paulo como o *dunamis* (milagre) de Deus, está no fato de que “agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde está, então, o motivo de vanglória? É excluído. Baseado em que princípio? No da obediência à lei? Não, mas no princípio da fé. Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à lei” (Rm 3.21-28).

Em outras palavras, Paulo cria que Deus havia mandado Jesus para morrer sacrificialmente por todos os injustos (“Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação” – Rm 3.4). Segundo o Antigo Testamento, o Messias seria “levado para o matadouro como uma ovelha” (Is 53.5), e morreria substitutivamente em sacrifício pelos pecados (Is 53.5). Paulo cria que essa profecia havia se cumprido em Jesus, “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Nesse sentido, Paulo assumia que em Cristo havia se iniciado um novo tempo da história. Como indica Lopes:

[Paulo cria] que seus dias eram um período momentoso da história da humanidade, em que todas as antigas promessas de Deus estavam sendo cumpridas através da vida e obra de Jesus de Nazaré. Ele estava persuadido de que a era escatológica, prometida pelos profetas, havia raiado pouco antes da sua conversão, que a plenitude do tempo havia se consumado com a vinda do Filho de Deus em carne (Gl 4.4; Ef 1.10), que o reino de Deus havia irrompido na pessoa de Cristo, que em Cristo Jesus a redenção agora se anunciava a todos os homens.¹⁰

⁸ Pesquisa baseada em SCHMOLLER, Alfred. **Handkonkordanz**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1955, p. 210; BECKER, Ulrich. 1989. *Euangelion*. In: Brown, Colin (edit.). **Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 2, p. 166-174.

⁹ Pesquisa baseada em SCHMOLLER, 1955, p. 133,134; BETZ, O. *Dunamis*. In: Brown, Colin (edit.). **Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 2, p. 573-578.

¹⁰ LOPES, 1997, p. 2.

Segundo Paulo, o acesso à justiça de Deus oferecida em Cristo não se dá pela obediência à Lei (Rm 3.21). Na verdade, essa Lei evidencia a injustiça humana, fazendo do homem um réu culpado e calado diante de Deus, plenamente consciente do seu pecado (Rm 3.19,20). O meio pelo qual a justiça é obtida, de acordo com Paulo, é a fé (*fides*) na boa notícia (*euangelion*) da graça (*cháris*) de Deus. Em Romanos 3.22,24, Paulo afirma: “justiça de Deus mediante a fé (...) sendo justificados gratuitamente por sua graça”. Nas palavras de Ladd, [justificação] é a declaração de Deus, o justo juiz, de que o homem que crê em Cristo, embora possa ser pecador, é justo – é visto como sendo justo porque, em Cristo, ele chegou a um relacionamento justo com Deus”.¹¹

Para ilustrar esse princípio (justificação por graça e fé), Paulo usa a história de Abraão, descrita em Gênesis: “Portanto, que diremos do nosso antepassado Abraão? Se de fato Abraão foi justificado pelas obras, ele tem do que se gloriar, mas não diante de Deus. Que diz a Escritura? ‘Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça’” (Rm 4.1-3). Por fim, para concluir o seu argumento, Paulo traz uma aplicação dessa narrativa veterotestamentária: “Em consequência, ‘isso lhe foi também creditado como justiça’. As palavras ‘lhe foi creditado’ não foram escritas apenas para ele, mas também para nós, a quem Deus creditará justiça, para nós, que cremos naquele que ressuscitou dos mortos a Jesus, nosso Senhor. Ele foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4.22-25).

Em Efésios 2.1-10, Paulo usa uma outra figura de linguagem (a da morte espiritual) para desenvolver a mesma doutrina da justificação por graça e fé, conforme pode-se observar abaixo:

Quadro 1 – A justificação por graça e fé em Romanos e Efésios

Ensino	Romanos	Efésios
Figura de linguagem para descrever o estado do homem	Réu culpado no tribunal (Rm 3.19,20)	Morto em seus delitos e pecados (Ef 2.10)
O que consegue fazer para sair dessa situação	Nada, deve calar-se	Nada, pois está morto
O que Deus fez	Ofereceu a Cristo como sacrifício, morrendo substitutivamente (Rm 3.25)	Deu vida ao homem, ressuscitando com Cristo (Ef 2.5,6)
Como se tem acesso ao que Deus fez	Se acessa a graça de Deus pela fé, não pela obediência à lei (Rm 3.28)	Se acessa a graça de Deus pela fé, não por obras (Ef 2.8,9)

Por fim, Paulo destaca os benefícios da justificação (Rm 5.1-21): (a) paz com Deus (v.1), (b) firmeza na graça (v.2a), (c) capacidade de gloriar-se na esperança da glória de Deus (v.2b), (d) capacidade de gloriar-se nas tribulações (vv.3-8), (e) certeza da salvação por meio de Cristo (v.9,10), (f) capacidade de gloriar-se em Deus (v.11).

É impressionante o contraste desses versículos com o início de Romanos. Antes, Paulo destaca que toda a humanidade sem Cristo vive debaixo da ira e do julgamento de Deus, entregue aos seus próprios caminhos rebeldes (Rm 1.18-32). Agora, àquele que crê na boa notícia do sacrifício de Cristo (Rm 3.24,25) lhe é apresentada a certeza da sua salvação (Rm 5.9). Os justificados podem alegrar-se porque eram inimigos de Deus que foram “reconciliados com ele mediante a morte do seu Filho” (Rm 3.10a). Os justificados podem alegrar-se porque antes viviam a morte de Adão, mas agora vivem a vida de Cristo (Rm 5.12-19). Para Paulo: “A Lei foi introduzida para que a transgressão fosse ressaltada. Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça, a fim de que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reine pela justiça para conceder vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5.20,21).

¹¹ LADD, Georg E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997, p. 409.

Resumindo, a segunda motivação teológica de Paulo para plantar igrejas era a convicção de que o evangelho de Cristo recebido em fé era a única maneira de justificar o ser humano diante de Deus.

1.3 “A FÉ VEM POR SE OUVIR A MENSAGEM”

Depois de estabelecer a condição humana (depravação total) e que evangelho de Cristo é a resposta de Deus para a justificação do homem (justificação por graça e fé), agora Paulo destaca o meio usado por Deus para o despertamento da fé: “a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17). Isto é, Paulo cria que a clara exposição do evangelho, que aqui chama de palavra (*rematos*) era o meio usado por Deus para despertar a fé, que levaria às pessoas a invocar o nome do Senhor. Afinal “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10.13). Porém, “como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregar?” (Rm 10.14). Como comenta Pohl: “Antes que venha a fé, vem a mensagem (...): a fé é a aceitação da mensagem. (...) Por trás da boca do mensageiro está a boca do Cristo ressuscitado”.¹²

Stott observa que os argumentos de Paulo nesses versículos seguem uma lógica, segundo os quais pode-se ver a essência dos mesmos: “Cristo *envia* seus arautos; os arautos *pregam*; as pessoas *ouvem*; os ouvintes *creem*; os crentes *invocam*; e aqueles que invocam *são salvos*”.¹³ Esse mesmo conceito é desenvolvido por Paulo também em 2 Coríntios 5.18,19 onde afirma que Deus lhe deu o “ministério da reconciliação” (v.18). Tal ministério estava baseado na “mensagem da reconciliação” (v.19). Qual é essa mensagem? “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (v.19).

Quanto ao fato de que a fé salvadora ser despertada pela clara pregação da palavra (do evangelho) a Confissão de Fé de Westminster afirma no seu capítulo XIV artigo I: “A graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles, e é ordinariamente operada pelo ministério da palavra”.

Um exemplo dessa sequência (pregar, ouvir e crer) e da instrumentalidade da pregação da palavra como meio para o despertamento da fé é encontrada em Atos:

No sábado saímos da cidade e fomos para a beira do rio, onde esperávamos encontrar um lugar de oração. Sentamo-nos e começamos a conversar com as mulheres que se haviam reunido ali. Uma das que ouviam era uma mulher temente a Deus chamada Lídia, vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira. O Senhor abriu seu coração para atender à mensagem de Paulo. Tendo sido batizada, bem como os de sua casa, ela nos convidou, dizendo: ‘Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa’. E nos convenceu (Atos 16.13-15).

Williams, ao comentar essa perícopes, destaca: “Todos haviam pregado às mulheres (“falamos às mulheres que ali se reuniram” v.13), mas Lucas atribui a conversão de Lídia, no que concerne a instrumentalidade humana, à atuação de Paulo que, sem dúvida, era o principal preletor”.¹⁴

Outro fator importante nesse horizonte é que Paulo cria que estava vivendo os últimos tempos que antecederiam o retorno de Cristo. Esta esperança escatológica está refletida em Romanos 13.11,12, onde ele afirma: “(...) agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos. A noite está quase acabando, o dia logo vem”. Portanto, o tempo de pregar o evangelho ao mundo carente da glória de Deus, estava reduzido, limitado. Por isso, como afirma Green:

A expectativa pelo retorno iminente de Cristo deu um ímpeto poderoso à evangelização nos primeiros tempos da igreja. É suficiente abrir em 1 Tessalonicenses 1.5-10 para ver como a pregação do evangelho por Paulo aos tessalonicenses e depois por eles, à medida que ‘repercutiu a palavra do Senhor’ nas regiões vizinhas, foi colocada no contexto de uma esperança escatológica para breve, pois eles esperavam que o Filho de Deus

¹² POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1999, p. 173.

¹³ STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007, p. 347.

¹⁴ WILLIAMS, David John. **Atos**: novo comentário bíblico contemporâneo. São Paulo: Vida, 1996, p. 312.

retornasse do céu.¹⁵

Resumindo, a terceira motivação teológica de Paulo para plantar igrejas era a convicção de que o evangelho – a única solução para tirar o ser humano do seu estado de injustiça diante de Deus –, deveria ser proclamado pelos servos do Senhor, afinal como iriam crer se não houvesse quem pregasse?). Além de central, a pregação do evangelho deveria ser prioritária, uma vez que a realidade dos tempos apontava para a iminente vinda escatológica de Cristo.

1.4 “CHAMADOS PARA SEREM SANTOS”

A pregação do evangelho não opera na vida dos crentes apenas a fé para a salvação. A palavra opera também santificação. Por isso, Paulo afirma aos Romanos: “Vocês também estão entre os chamados para pertencerem a Jesus [justificação, resultante da ação da palavra]. A todos os que em Roma são amados de Deus e chamados para serem santos [santificação, resultante da ação da palavra]” (1.6,7a). Ou seja, “aqueles que foram chamados pelo Deus santo são santos em virtude do chamado dele e são assim reclamados para a santidade de vida. Conforme empregado por Paulo, ‘chamado’ designa a vocação eficaz de Deus: os chamados são os que foram convocados por Deus e que responderam igualmente ao chamado dele”.¹⁶ Ou, como frisou Stott “o Deus da graça não somente perdoa pecados, mas também nos liberta de pecar. Pois a graça, além de justificar, também santifica. Ela nos une a Cristo (...) e nos inicia em um novo processo de escravidão: escravos da justiça”.¹⁷

Após uma breve introdução ao tema da santificação nos primeiros versículos de Romanos, Paulo desenvolve e aprofunda o assunto em Romanos 6.1-8.39. Especificamente, três questões são levantadas: (a) por que o justificado deve viver em santificação (6.1-7.6)?; (b) por que o justificado tem dificuldade de viver em santificação (7.7-25)?; (c) qual é a fonte de poder para o justificado viver em santificação (8.1-39)?

Em Romanos 6.1-7.6 Paulo responde a pergunta “por que o justificado deve viver em santificação?” A primeira razão é que ele está morto para o pecado. “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós, *os que morremos para o pecado*, como poderemos continuar vivendo nele?” (Rm 6.1,2 – grifo meu).

Para ilustrar o que aconteceu àquele que foi justificado por Cristo, Paulo usa, em primeiro lugar, a figura do batismo. “Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6.3,4). De acordo com Stott:

Estes versículos parecem ser uma alusão ao simbolismo pictorial do batismo, embora sua significância permaneça firme (nosso compartilhar na morte, sepultamento e ressurreição de Cristo), mesmo que o simbolismo não precise ser tomado no sentido literal. Sandy e Headlam fazem uma descrição gráfica desse simbolismo: “O mergulho nas águas correntes foi como uma morte; o momento em que as águas passaram sobre a cabeça foi como um sepultamento; e o erguer-se outra vez para respirar à luz do sol foi uma espécie de ressurreição”.¹⁸

Além da figura do batismo, em segundo lugar, Paulo usa a figura da escravidão para salientar o que aconteceu àquele que foi justificado. Antes, os crentes romanos “ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e à maldade que leva à maldade” (Rm 6.19b). Em outras palavras, Paulo está salientando que a escravidão às práticas pecaminosas eram consequência de uma vida injusta (depravação total, como visto acima). Por outro lado, agora, com Cristo, há o seguinte imperativo:

¹⁵ GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 322.323.

¹⁶ CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 23.

¹⁷ STOTT, 2007, p. 197.

¹⁸ STOTT, 2007, p. 207.

“ofereçam-se em escravidão à justiça, que leva à santidade” (Rm 6.19c). Portanto, paradoxalmente, se, por um lado o cristão foi libertado do seu pecado por Cristo, agora deve viver como escravo de Cristo. Nas palavras de Paulo: “Vocês foram libertos do pecado e tornaram-se escravos da justiça” (Rm 6.18).

Além da figura do batismo e da escravidão, Paulo usa a ilustração do casamento para mostrar que o justificado deve viver em santificação (Rm 7.1-6). Especificamente nos versículos 2,3 ele afirma:

Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada a seu marido enquanto ele estiver vivo; mas, se o marido morrer, ela estará livre da lei do casamento. Por isso, se ela se casar com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, será considerada adúltera. Mas se o marido morrer, ela estará livre daquela lei, e mesmo que venha a se casar com outro homem, não será adúltera (Rm 7.2-3).

Por fim, ele aplica sua ilustração: “Assim, meus irmãos, vocês também morreram para a lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerem a outro, àquele que ressuscitou dos mortos, a fim de que venhamos a dar fruto para Deus” (Rm 7.4). Para Dunn, aqui “Paulo pretendia que a ilustração documentasse a mudança de status do crente (a mulher liberta pela morte de seu marido)”.¹⁹

Em Romanos 7.7-25, Paulo responde a pergunta: “Por que o justificado tem dificuldade de viver em santificação?” O fato é que o processo de santificação não se dá de forma romântica. Há uma luta no interior do crente: um conflito entre o seu desejo de obedecer ao Senhor – operado pelo Espírito Santo – e a força do pecado – operada pela carne. Assim, como disse Paulo: “Sabemos que a lei é espiritual; eu, contudo, não o sou, pois fui vendido como escravo ao pecado. Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio. E, se faço o que não desejo, admito que a lei é boa. Neste caso, não sou mais eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim” (Rm 7.14-20).

Por fim, em Romanos 8.1-39 Paulo responde à pergunta: “Qual é a fonte de poder para o justificado viver em santificação?” Segundo essa passagem, somente o Espírito Santo pode produzir uma vida santificada. Como asseverou Thielmann: “O Espírito permite que todos os cristãos, quer judeus, quer gentios, cumpram as justas exigências da lei (Rm 8.4a) a fim de que não andem segundo a carne (8.4b), que matem os atos (errôneos) do corpo (8.13) para que tenham vida tanto agora (8.10) como no tempo da ressurreição final (8.11)”.²⁰

Paulo destaca quatro atuações específicas do Espírito Santo no sentido de produzir santificação naquele que foi justificado: (a) O Espírito Santo liberta da lei do pecado e da morte (Rm 8.2-4). Conforme sublinha Stott:

(...) por mais que nos deixe chocados, a santa lei de Deus pode, sim, ser chamada de *a lei do pecado e da morte*, uma vez que ocasionou tanto um como o outro. Neste caso, ser libertado da lei do pecado e da morte por meio de Cristo é não estar mais ‘debaixo da lei’, isto é, deixar de depender da lei tanto para a justificação quanto para a santificação.²¹

(b) O Espírito Santo produz uma nova mentalidade (Rm 8.5-8). De acordo com Paulo, “quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja” (Rm 8.5). Stott, ao comentar Romanos 8.5-8, salienta:

Vemos aqui duas categorias de pessoas (os não regenerados, que estão “na carne”, e os regenerados que estão “no Espírito”), as quais têm duas perspectivas e disposições de mente (“a inclinação da carne” e a “inclinação do Espírito”), que levam a dois padrões de comportamento (viver segundo a carne ou de acordo com o Espírito) e que resultam em dois estados espirituais (morte ou vida, inimizade ou paz). Assim a nossa mente, isto

¹⁹ DUNN, James D. G. **Word biblical commentary**: Romans 1-8. Dallas: Word Books, 1988. Vol. 38a, p. 368,369.

²⁰ THIELMANN, F. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2007, p. 848.

²¹ STOTT, 2007, p. 261.

é, o seu enfoque e as ideias que a ocupam, desempenha um papel central, tanto em nossa conduta presente, quanto em nosso destino eterno.²²

(c) O Espírito Santo habita no justificado (Rm 8.9-15). Agora, o crente é vivificado pelo Espírito Santo (vv.9-11), oportunizando que a santificação aconteça, afinal “você não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em você. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo” (Rm 8.9). Além disso, a habitação do Espírito Santo na vida do crente gera uma dívida ou obrigação (v.12). “Que dívida é essa? Agora não é mais uma questão de compartilhar o evangelho com o mundo (como em 1.14), mas de viver uma vida justa”.²³

(d) O Espírito Santo testemunha ao justificado (Rm 8.14-17), guiando-o à santidade (v.14); levando-o a substituir o medo pela liberdade na sua relação com Deus (v.15); fazendo-o chamar Deus de “Pai” nas orações (v.15); levando-o às primícias da sua herança espiritual (v.17).²⁴

Se em Romanos 6-8 Paulo estabelece os fundamentos teológicos da santificação, em Romanos 12.1-16.27 Paulo aplica-os à diferentes facetas da vida cristã. Ou seja, embora a santificação seja o resultado direto da ação do Espírito Santo no interior daquele que foi justificado por Cristo, ela precisa ser exteriorizada de forma prática, “em palavras e atos, deve ser vivida nas situações concretas difíceis e perigosas da situação humana pelos fiéis que estão, todos, longe de ser plenamente ajuizados, sérios e sinceros”.²⁵

Assim, nesse bloco (Rm 12.1-16.27), Paulo estabelece padrões éticos para os crentes, no que diz respeito aos relacionamentos na comunidade cristã (12.1-21); ao relacionamento com os governantes (13.1-7); com as pessoas em geral (13.8-10); e aos irmãos fracos na fé (15.1-13).

Nota-se que Paulo dá um acentuado destaque na relação existente entre a santificação e a comunidade cristã local. Thielman, ao comentar essa relação, destaca:

O Espírito derruba as barreiras sociais e traz unidade para a igreja. A igreja, como grupo social, toma o lugar do templo de Israel como símbolo do lugar da habitação do Espírito de Deus (1 Co 3.16). Nesse sentido, o cristão individual que constitui a igreja precisa trabalhar na “edificação” uns dos outros (3.14; Ef 2.18-22) e usar seus dons espirituais para essa finalidade (1 Co 14.1-5, 12; 12.1-11). Eles precisam lutar contra a divisão, já que isso ameaça a integridade do templo de Deus (3.14-16). Os cristãos devem fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4.3).²⁶

Fica claro, portanto, que edificar uns aos outros é um processo que não se resume, mas que passa pelos relacionamentos e pelo serviço de uns para com outros dentro do Corpo de Cristo (Rm 12.3-8).²⁷ Num primeiro momento é nesse contexto que a santificação deve se manifestar de forma prática. Assim, ao saber de conflitos de relacionamentos vividos na igreja de Roma, Paulo orienta esses irmãos no sentido de reconciliarem-se e viverem um clima fraternal de respeito.

Bruce diz que a igreja de Roma poderia se desintegrar rapidamente se os grupos cristãos (judeus e gentios) insistissem em exercer sua liberdade cristã sem se importar com a opinião dos outros. Paulo, então apresenta um critério que deve ser seguido por todos para resolver essas questões práticas na igreja: o amor e a tolerância. No verso 13 do capítulo 14 ele insta os cristãos a não julgarem um ao outro. A colocarem o interesse do próximo acima do seu próprio interesse.²⁸

²² STOTT, 2007, p. 269.

²³ STOTT, 2007, p. 273.

²⁴ STOTT, 2007, p. 277-285.

²⁵ CRANFIELD, 1992, p. 274.

²⁶ THIELMANN, 2007, p. 84.

²⁷ Como diz Lewis: “Nenhum cristão, e mesmo nenhum historiador podem aceitar o epigrama que define a religião como ‘aquilo que o homem faz com a sua solidão’. Creio ter sido um dos irmãos Wesley que disse não haver no Novo Testamento o menor indício de religião solitária. Somos proibidos de negligenciar nossas reuniões. O cristianismo já é institucional desde o mais antigo dos seus documentos. A igreja é a noiva de Cristo. Somos membros uns dos outros” (LEWIS, C. S. **Peso de glória**. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 37).

²⁸ SILVA, 2000, p. 16.

Além disso, é na comunidade cristã local que os justificados têm acesso aos meios públicos da graça, por meio dos quais podem crescer em santificação.

O Catecismo de Westminster define a expressão ‘meios da graça’ como os recursos visíveis e comuns pelos quais Cristo transmite à sua igreja os benefícios de sua mediação [ou seja, de sua morte]. (...) Através dos meios da graça, Deus concede força, paz, conforto, instrução, disciplina, orientação, alegria e muitas outras coisas necessárias à vida cristã.²⁹

Ainda, de acordo com Blackbourn³⁰, são quatro os meios públicos da graça: (a) reunir-se para a adoração; (b) as ordenanças do evangelho; (c) comunhão com irmãos e irmãs em Cristo; (d) a oração coletiva. Todas essas atividades estão documentadas como atividades a serem vividas pelos crentes em Roma.

Resumindo, a quarta motivação teológica de Paulo para plantar igrejas era a convicção de que os crentes não foram apenas justificados diante de Deus, mas, em Cristo foram chamados para serem santos. O cristão morreu para a sua antiga vida e vive uma nova vida com Jesus. Agora é um escravo da justiça. Está morto para a Lei, mas vivo para Cristo. Tem, pelo Espírito Santo, capacidade para lutar contra o pecado. Além de que, a santificação, como um processo, é desenvolvida no seio da comunidade cristã, através, dos meios da graça.

1.5 “SOU DEVEDOR TANTO A GREGOS COMO A BÁRBAROS”

A última convicção teológica central de Paulo em Romanos é o seu chamado. Em Romanos 1.14 ele afirma: “Sou devedor [do evangelho] tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”. Na sua compreensão, Paulo devia o evangelho a todas as classes e culturas (gregos, bárbaros, sábios e ignorantes), ou seja, devia àqueles que tinham domínio da filosofia e da sabedoria humana – os gregos. Bem como àqueles que não tinham a cultura helenista nem falavam o grego – os bárbaros. Todos estavam na lista de crentes de Paulo.

Essa compreensão aparece de forma direta, pelo menos, duas outras vezes em Romanos. Primeiro, em Romanos 1.1,5, onde Paulo saúda a igreja afirmando o seu chamado apostólico. Depois o mesmo conceito reaparece em Romanos 15.15-17, onde diz:

A respeito de alguns assuntos, eu lhes escrevi com toda a franqueza, como para fazê-los lembrar-se novamente deles, por causa da graça que Deus me deu, de ser um ministro de Cristo Jesus para os gentios, com o dever sacerdotal de proclamar o evangelho de Deus, para que os gentios se tornem uma oferta aceitável a Deus, santificados pelo Espírito Santo. Portanto, eu me glorio em Cristo Jesus, em meu serviço a Deus (Rm 15.15-17).

Em relação a afirmação paulina de que é um ministro de Cristo Jesus, com o dever sacerdotal de proclamar o evangelho (Rm 15.16), Stott comenta:

Paulo considera sua obra missionária como sendo um ministério sacerdotal porque ele é capaz de oferecer os seus convertidos gentios como um sacrifício vivo a Deus (...). Embora os gentios fossem rigorosamente excluídos do templo de Jerusalém, e não lhes fosse permitido de forma alguma participar do ofertório de seus sacrifícios, agora, através do evangelho, eles mesmos passam a ser uma oferta agradável e aceitável a Deus.³¹

Portanto, Paulo vê o seu chamado ministerial sob dois ângulos. Do ponto de vista divino, Paulo crê ser chamado pelo Senhor. Era um ministro *de Cristo*. Do ponto de vista humano, era chamado para pregar o evangelho às pessoas. Era um devedor *a sábios e a ignorantes*.

Em outras cartas Paulo também destaca o seu senso de chamado. Por exemplo, à igreja de Corinto, disse que o Senhor não o chamou para batizar, mas para pregar o evangelho, “não porém com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada” (1 Co 1.17). Nessa mesma

²⁹ BLACKBOURN, Earl. 1999. **Os meios da graça**. http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/122/Os_Meios_da_Graca. Acesso a 06 Out. 2017, p. 12.

³⁰ BLACKBOURN, 1999, p. 12-14.

³¹ STOTT, 2007, p. 457.

carta, em 9.17, disse que tinha que cumprir a incumbência a ele confiada. Qual era essa incumbência? “Pregar o evangelho” (1 Co 9.16).

Para Paulo, seu ministério de pregação da palavra era fruto da graça de Deus. Pois ele mesmo se considerava indigno de exercer tal função. Nas suas próprias palavras: “Pois sou o menor dos apóstolos e nem sequer mereço ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus. Mas, *pela graça de Deus*, sou o que sou, e *sua graça* para comigo não foi em vão; antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas *a graça de Deus comigo*” (1 Co 15.9,10 – grifo meu). Além disso, Paulo cria que o seu chamado para a pregação do evangelho se dava pela soberania de Deus:

Quando Paulo diz que Deus o tinha separado para a tarefa da sua vida, pregar a Cristo entre as nações ‘antes de eu nascer’ (Gl 1.15) – está ecoando (...) a palavra inicial que veio a Jeremias. E quando suas credenciais apostólicas foram questionadas, ele bem poderia ter dito, como Jeremias em situação similar: ‘Na verdade, o Senhor me enviou para [...] dizer essas palavras’ (Jeremias 26.15).³²

Se Paulo entendia que uma das funções do seu chamado era pregar o evangelho, entendia também que Deus o havia chamado para ensinar a igreja (pregação para fortalecimento ou edificação). Aqueles que respondiam em fé à pregação do evangelho, precisavam, então, serem edificados pelo ensino. Assim como afirma Lopes:

Paulo vê a Igreja como uma edificação cujo fundamento é o próprio Cristo (1Co 3.11). (...) Paulo tinha consciência de que Cristo o havia chamado para ser um instrumento pelo qual essa edificação ocorreria (...) Talvez possamos dizer que não há uma distinção rígida no pensamento de Paulo – e nem em sua prática – entre o fazer a Igreja se expandir e o enraizá-la, fundamentá-la e fortificá-la. (...). O seu apostolado consistia não somente em plantar igrejas (...) (expansão) mas em firmá-las e fundamentá-las (...) (edificação).³³

É a mesma lógica de Colossenses 1.24-29, onde Paulo diz que é um ministro de Cristo (mesma palavra usada em Rm 15.16). E, como ministro, o que ele faz? Apresenta plenamente a palavra de Deus, que é Cristo (pregação para evangelização), adverte e ensina a cada um com toda a sabedoria, a fim de que apresente todo homem perfeito em Cristo (pregação para edificação).

Em Atos, Lucas destaca esses dois aspectos do chamado e, conseqüentemente, da ação de Paulo. Por exemplo, no contexto da sua conversão, o Senhor disse a Ananias: “Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, perante o povo de Israel” (At 9.15). Essa palavra se cumpriu, de modo que em Atos 9.20 é dito que Paulo estava em Damasco e “logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus”. Ou seja, Paulo começou o seu ministério evangelístico. Posteriormente, levantou-se uma grande oposição a ele e a Bíblia afirma que “seus discípulos o levaram de noite e o fizeram descer num cesto, através de uma abertura na muralha” (At 9.25). A expressão “seus discípulos” é “uma interessante indicação de que a sua liderança já era reconhecida e que tinha atraído seguidores”.³⁴ Ou seja, esses discípulos eram as pessoas que haviam recebido o evangelho e agora estavam sendo ensinadas (edificadas) por Paulo.

Do modo semelhante, em Derbe, Paulo e Barnabé “pregaram as boas notícias [pregação evangelística] (...) e fizeram muitos discípulos [pela pregação para edificação]” (At 14.21). Então, no mesmo contexto, é dito que voltaram para Listra, Icônio e Antioquia – lugares onde haviam evangelizado. Retornaram com que objetivo? Para fortalecer os discípulos e encorajá-los a permanecer na fé (At 14.21,22).

Nesse ponto é interessante observar que, na compreensão de Paulo, a igreja é uma peça indispensável na missão. Todas as convicções teológicas de Paulo estão diretamente ou indiretamente ligadas com sua eclesiologia. Dito de outra forma, Paulo não desenvolveu uma missiologia separada de uma eclesiologia, nem mesmo uma eclesiologia desconectada da missiologia. Aliás, o próprio tema

³² BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça**: sua vida cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003, p. 139.

³³ LOPES, 1997, p. 3,4.

³⁴ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. São Paulo: ABU, 1994, p. 197.

da eclesiologia em si, é amplamente discutido em todo o *corpus* Paulino, o que pode ser facilmente observado, por exemplo, no uso que ela faz da palavra *ekklesia*: “dos 114 exemplos de *ekklesia* no Novo Testamento, 62 estão em Paulo, o que equivale a mais de 50%. Isso pressupõe o grande interesse de Paulo por essa instituição”.³⁵

É de extrema importância destacar que “Paulo ensina que a igreja local, embora indissoluvelmente unida a todo o poder de Deus, é uma igreja completa. Todas as promessas de Deus se aplicam a ela, e Cristo, o cabeça e Senhor da Igreja, acha-se tão presente ali como em qualquer entidade mais ampla”.³⁶

Assim, para Paulo, a relação entre a igreja e a missão, pode ser observada nos seguintes ângulos: em primeiro lugar, para ele, a igreja é fruto da missão. Os crentes estavam “destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23), mas foram “chamados para pertencerem a Jesus” (Rm 1.6), pelo fato de que apóstolos foram levantados “para chamar dentre todas as nações um povo para a obediência que vem pela fé” (Rm 1.5). A igreja local é consequência do ministério evangelístico. A figura evocada aqui é de uma lavoura, que é fruto da sementeira do evangelho (por exemplo, 1Co 3.9).

Em segundo lugar, a igreja é local da santificação. Os crentes foram “chamados para serem santos” (Rm 1.7). Santificação não é outra coisa do que obediência. E é na igreja local que a obediência deve ser ensinada e vivida. Os crentes agora são chamados a crescer em santidade. Precisam edificar-se mutuamente. A figura aqui é a de um templo onde os crentes oferecem-se como sacrifícios de louvor a Deus (Rm 12.1,2).

Em terceiro lugar, a igreja é a agente da evangelização e a apoiadora da missão. A igreja é enviada ao mundo, afinal “como, pois, invocarão naquele em quem não creram? E como crerão naquele em que não ouviram falar? E como ouvirão se não houver quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: ‘Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!’” (Rm 10.14,15). E, por outro lado, a igreja é a apoiadora da missão. Paulo explicita isso em Romanos 15.23-28:

Mas agora, não havendo nestas regiões nenhum lugar em que precise trabalhar, e visto que há muitos anos anseio vê-los, planejo fazê-lo quando for à Espanha. Espero visitá-los de passagem e dar-lhes a oportunidade de me ajudar em minha viagem para lá, depois de ter desfrutado um pouco da companhia de vocês. Agora, porém, estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos. Pois a Macedônia e a Acaia tiveram a alegria de contribuir para os pobres dentre os santos de Jerusalém. Eles tiveram prazer nisso, e de fato são devedores a eles. Pois se os gentios participaram das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servir aos judeus com seus bens materiais. Assim, depois de completar essa tarefa e de ter a certeza de que eles receberam esse fruto, irei à Espanha e visitarei vocês de passagem (Rm 15.23-28).

A figura aqui é de um exército, enviado com uma missão (por exemplo, At 13.3).³⁷

Portanto, como disse Goppelt:

Paulo compreende como Igreja de Deus o grupo de pessoas atingidas pelo chamado eletivo de Deus na pregação missionária e no Batismo, grupo esse que, portanto, está *en Christo*, pelo qual e através do qual é pregada a palavra e celebrada a Ceia do Senhor, que responde ao Evangelho, confessando, crendo e servindo em fé, e que, por isso, está trilhando o caminho através da cruz para a Ressurreição.³⁸

Resumindo, a quarta motivação teológica de Paulo para plantar igrejas era a sua convicção pessoal de que Deus o havia separado para pregar o evangelho. Tal tarefa, além de um privilégio, era uma responsabilidade, qual a necessidade premente de um devedor pagar o seu credor. Além disso,

³⁵ REGA, Lourenço Stelio. *A ética em Paulo*. In: REGA, Lourenço Stelio (org.). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009, p. 202.

³⁶ LADD, 1997, p. 721.

³⁷ Lidório salienta que a imposição das mãos por parte dos líderes da igreja em Antioquia, ao enviar Paulo e Barnabé (At 13.3), era um sinal de cumplicidade. Era uma prática usada no contexto do Império Romano, “quando generais eram enviados a terras distantes para coordenar uma província” (LIDÓRIO, Ronaldo. 2015. **Não vá! Seja enviado**. <http://apmt.org.br/central-de-artigos/nao-va-seja-enviado-504>. Acesso em 26 set. 2017).

³⁸ GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2002, p. 383.

Paulo cria que aqueles que recebiam o evangelho em fé, formavam a Igreja – fruto da missão, local de santificação, agente da missão. A Igreja deveria ser fortalecida pela exposição didática das Escrituras, e que esse era o meio usado pelo Senhor para edificar os seus discípulos.

As convicções teológicas de Paulo que o impulsionavam para o ministério de plantio de igrejas podem ser resumidas no quadro abaixo:

Quadro 2 – As convicções teológicas de Paulo para plantar igrejas

As convicções teológicas de Paulo para plantar igrejas					
Convicção	“Não há nenhum justo, nenhum sequer”	“O evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”	“A fé vem por se ouvir a mensagem”	“Chamados para serem santos”	“Sou devedor tanto a gregos quanto a bárbaros”
Referencial bíblico	Rm 3.10	Rm 1.16	Rm 10.17	Rm 1.7	Rm 1.14

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, essas não são as únicas convicções teológicas que motivaram Paulo a plantar igrejas. Todavia, indubitavelmente, são as centrais e seguem uma ordem lógica. Paulo entendia que o ser humano injusto só poderia ser justificado por Deus por meio do evangelho. Esse evangelho deveria ser exposto pela pregação da Palavra, o meio usado pelo Senhor para despertar fé dentre os eleitos. Uma vez justificados por Cristo, os crentes foram chamados para serem santos por meio da ação do Espírito Santo, da exposição didática da palavra, através dos meios da graça, no contexto da comunidade cristã. Por fim, Paulo entendia que estava pessoalmente comprometido com esse projeto, chamado por Deus para pregar o evangelho, com o mesmo peso de responsabilidade de um devedor diante do seu credor. Por fim, pode-se afirmar que as convicções teológicas de Paulo o levaram a desenvolver uma filosofia ministerial e uma metodologia específicas para o plantio de igrejas.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Roland. **Missionary methods: St. Paul's or ours?** Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1962.
- BECKER, Ulrich. 1989. *Euangelion*. In: Brown, Colin (edit.). **Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 2, p. 166-174.
- BETZ, O. *Dunamis*. In: Brown, Colin (edit.). **Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 2, p. 573-578.
- Bíblia Sagrada**, Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2007.
- BLACKBOURN, Earl. 1999. **Os meios da graça**. http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/122/Os_Meios_da_Graca. Acesso a 06 Out. 2017.
- BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça: sua vida cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- Confissão de fé de Westminster**. Disponível em: <http://monergismo.com/textos/credos/cfw.htm>. Acesso em 06 out. 2017.
- CONSTABLE**. Disponível em: <https://lumina.bible.org/bible/Romans+3>. Acesso em 25 set. 2017.

- CRANFIELD, C. E. B. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- DUNN, James D. G. **Word biblical commentary**: Romans 1-8. Dallas: Word Books, 1988. Vol. 38a.
- GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2002.
- GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- LADD, Georg E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997.
- LEWIS, C. S. **Peso de glória**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- LIDÓRIO, Ronaldo. 2015. **Não vá! Seja enviado**. <http://apmt.org.br/central-de-artigos/nao-va-seja-enviado-504>. Acesso em 26 set. 2017.
- LOPES, Augustus Nicodemus. Paulo, Plantador de Igrejas: repensando os fundamentos bíblicos da obra missionária. **Fides Reformata**, XV, número 2:1-15, 1997.
- POHL, Adolf. **Carta aos Romanos: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 1999.
- REGA, Lourenço Stelio. *A ética em Paulo*. In: REGA, Lourenço Stelio (org.). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009. p. 53-74.
- SCHMOLLER, Alfred. **Handkonkordanz**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1955.
- SILVA, Norval Oliveira da. **Teologia e missão: perspectiva paulina da missão urbana em Romanos**. São Paulo: Morávios, 2000.
- STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. São Paulo: ABU, 1994.
- STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007.
- THIELMANN, F. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2007.
- WILLIAMS, David John. **Atos: novo comentário bíblico contemporâneo**. São Paulo: Vida, 1996.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*